



033. Cultura Visual, História e Imagem

Coordenadores:

Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (UFRN), Helouise Lima Costa (MAC-USP)

Itinerários dos estudos sobre fotografia na historiografia recente

Ana Maria Mauad

Ao compormos uma genealogia dos estudos sobre fotografia nos últimos 30 anos, vemos convergir campos de conhecimento das ciência humanas em torno de abordagens, problemáticas e de um vocabulário conceitual comum. Áreas como História, Antropologia, Geografia, Comunicação e Artes vêm produzindo estudos sobre a prática e a experiência fotográfica que delinearão uma nova historiografia que superou os limites de uma história da fotografia como história dos gêneros, da técnica ou dos grandes fotógrafos (em que se registre a hegemonia masculina). O objetivo desse paper é apresentar o resultado de cinco entrevistas realizadas na Inglaterra, em 2018, com expoentes dessa nova abordagem provenientes dos campos da história, antropologia, geografia e história a arte, a saber: Luciana Martins, Elizabeth Edwards, James Ryan, Filipa Vicente e Steve Edwards.

Utilizamos a metodologia de história oral, com entrevistas temáticas sobre a trajetória dos pesquisadores que produziram estudos sobre fotografia, a partir da década de 1990. A cada um dos entrevistados foi apresentado um roteiro de perguntas, em que se indagava, sobre o encontro com a fotografia como problemática de estudo; questões de caráter teórico presentes na abordagem de cada um; questões de caráter historiográfico presentes na abordagem de cada um e questões relacionadas a sua atuação no campo de estudos, neste aspecto se valorizou as resistências e tensões em torno da aceitação de um conhecimento que se apoia no estudo da visualidade fotográfica.

As entrevistas foram transcritas e analisadas com base no delineamento de questões pertinentes à trajetória de cada um dos estudiosos, os conceitos comuns a abordagem desenvolvida, os territórios conceituais criados em torno das indagações que a fotografia promove e os principais debates levantados no confronto de posições em jogo na elaboração dessa nova historiografia relaciona à fotografia.

Entre os resultados a serem apresentados para o debate incluem-se as possibilidades de uma história fotográfica; as relações entre visualidade e materialidade da imagem; as principais configurações conceituais que definem o debate resultantes dessa nova dimensão historiográfica. Por fim, mas não menos importante, caracterizar o que eu estou definindo com nova historiografia da fotografia.

1. Questões para iniciar o debate - apresentação dos entrevistados e roteiro das entrevistas.

Durante 2018 tive a oportunidade de passar dez meses no Reino Unido como Celso Furtado Visiting Scholar em St. John's College, na Universidade de Cambridge. A estância de estudos e pesquisa oportunizou o contato direto com autoras e autores que se constituem como importantes referências nos estudos críticos sobre fotografia nos últimos 20 anos.

O trabalho sistemático com essa bibliografia em cursos, orientações e pesquisas confrontado com a minha própria trajetória como pesquisadora da fotografia baseada nos estudos históricos, me orientou a ponderar sobre os itinerários conceituais que nos levaram a conformar um território comum de reflexão sobre a fotografia. Essa indagação me levou a compor um conjunto de questões endereçadas aos estudiosos que se encontravam na Inglaterra, a saber: Elizabeth Edward, Luciana Martins, James Ryan e Steve Edwards, acrescido de Felipa Lowndes Vicente, que embora filiada ao Instituto de Estudos Sociais da Universidade de Lisboa mantém contatos com essa rede de pesquisadores.

A composição do grupo apoiou-se em critérios de disponibilidade, interesse e tempo para marcar a conversa, o que impossibilitou duas outras pesquisadoras que fiz contato, Liz Wells e Joan M. Schwartz, a integrarem essa primeira seleção. Entretanto, o time composto já se configurou como uma comunidade de sentido, por seus integrantes compartilharem princípios conceituais, objetos de estudo e estabelecer uma interlocução.

Uma breve apresentação dos integrantes do grupo possibilita a compreensão dos laços comuns.

Elizabeth Edwards tem formação em história, com especialização em história medieval, no início de sua atuação profissional foi pesquisadora do Museu Pitt Rivers, da Universidade de Oxford onde iniciou seus trabalhos sobre fotografia e antropologia. Elizabeth Edwards tem uma enorme contribuição nos estudos que associam fotografia, antropologia e história, com destaque para as reflexões sobre as práticas sociais da fotografia, sobre a materialidade das fotografias e sobre a fotografia e a imaginação histórica. Assumiu ao longo de sua trajetória cargos como curadora de fotografias no Pitt Rivers Museum e professora de antropologia visual na Universidade de Oxford e na University of the Arts London. Além seus livros mais conhecidos ela publicou mais de 80 ensaios em revistas e catálogos de exposições ao longo dos anos, está no conselho de grandes revistas no campo, incluindo Estudos Visuais e História da Fotografia.

Elizabeth Edwards atua em vários comitês acadêmicos e faculdades de revisão por pares, foi vice-presidente do Royal Anthropological Institute 2009-12 e na primavera de 2012 recebeu uma bolsa no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Durham. Conjuntamente a uma rede de pesquisadores na Holanda e na Noruega, Edwards realizou um grande projeto financiado pela HERA / Europa sobre o papel do legado fotográfico do passado colonial na Europa contemporânea. Atualmente, integra o grupo de pesquisadores do Victoria and Albert Museum e se dedica ao estudo das sociedades fotográficas e redes de conhecimento fotográfico do final do século XIX e início do século XX, no mercado de fotografias "etnográficas" nos domínios científico e popular do século XIX e na relação entre fotografia e método histórico.

Sua entrevista realizou-se no dia 12 de julho de 2018, orientada pelo seguinte roteiro: 1) Conte-nos sobre a sua formação e a sua aproximação à fotografia como objeto de estudo.

2) Se formos compor uma genealogia dos usos da imagem fotográfica pela Antropologia poderíamos remontar ao século XIX. Entretanto, diferenças significativas podem ser observadas entre uma etnografia fotográfica e os usos da fotografia nos trabalhos de campo, quando comparados com as abordagens atuais da Antropologia, entre as quais as desenvolvidas em suas pesquisas. Como você avalia esse cenário na Antropologia?

- 3) Em seus estudos observa-se um problema de fundo: a entrada da questão da materialidade nos estudos sobre imagem e fotografia em particular. Na sua concepção o que isso acrescenta? Que enganos evita?
- 4) Em seus estudos a ideia recompor a biografia de uma fotografia implica em atribuir à fotografia algum tipo de animismo? Ou trata-se de definir uma abordagem histórica alternativa à tradicional história da fotografia?
- 5) Finalmente, qual a sua avaliação sobre o impacto da sua abordagem nos estudos sobre fotografia? Você sente algum tipo de resistência entre antropólogos, historiadores da arte ou os estudos visuais?

Luciana Martins formou-se em arquitetura pela UFRJ e fez mestrado e doutorado em geografia urbana na UFRJ, tendo sido orientada por Mauricio Abreu. Vivendo há mais de 20 anos em Londres, atualmente é professora de Latin American Visual Cultures no Birkbeck College, da Universidade de Londres. Ao longo de sua trajetória publicou sistematicamente em temas como cultura visual dos trópicos, pensamento geográfico, cidades-mundo e modernidade e arte digital, associando sua abordagem aos campos da cultura visual e material, da história cultural e da história e filosofia da geografia.

Suas pesquisas envolvem desde a produção da paisagem tropical pelos naturalistas, artistas e navegadores europeus, nos primórdios do século XIX, até a conformação de visões sobre o Brasil nos filmes e fotográficas documentais produzidas por exploradores, antropólogos e artistas modernistas em meados do século XX. Pesquisas que resultaram em dois livros importantes: *O Rio de Janeiro dos viajantes. (o olhar britânico 1800- . 1850)* (Zahar ed., 2001) e *Photography and Documentary Film in the Making of Modern Brazil* (Manchester, 2013).

Em vista de sua trajetória as questões que nortearam sua entrevista realizada em 12 de setembro de 2018 foram as seguintes:

- 1) Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e como a fotografia tornou-se tema para as suas pesquisas.
- 2) Em seus trabalhos observamos um olhar atento para questões relacionadas à paisagem, às discussões sobre território e as formas ver e dar a ver o mundo social. Essas preocupações conceituais estão diretamente associadas à uma perspectiva teórica específica? Seria interessante considerar os autores e autoras que tiveram impacto nas suas leituras sobre imagem.

3) Os jogos de escala entre o local e o global, em seus trabalhos são problematizados à luz dos debates sobre alteridades. Você avalia que essa abordagem está associada ao impacto da teoria pós-colonial nas Ciências Humanas?

4) Em seus projetos você transita por diferentes meios visuais - desenhos, fotografias e filmes - como você opera com esses deslocamentos? Você compõe series heterogêneas em suas análises, ou há uma preocupação em identificar como essas práticas se misturam de fato em diferentes tipos de atividades? Dito de outra maneira: há uma preocupação sua parte em compor o arquivo visual ou identificar arquivos visuais já existentes?

5) Além disso, é interessante observar como, sendo professora do departamento de Artes, você atualmente esteja investindo em projetos sobre a diversidade biocultural, em parceria com Kew Garden de Londres e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Você poderia falar um pouco dessas interseções?

James Ryan possui formação em geografia e história, com doutorado em geografia cultural pela Royal Holloway, Universidade de Londres, em 1995. Desde então, ele ensinou geografia histórica e cultural em várias universidades no Reino Unido, incluindo Oxford, Queen's Belfast, Leicester e Exeter, onde atua como professor associado de Geografia Histórica e Cultural. Atualmente, James Ryan também integra o departamento de pesquisa do V&A e atua como coordenador do programa de Mestrado em História do Design da mesma instituição.

Sua entrevista realizada no Victoria and Albert Museum, Londres, em 4 de julho de 2018, foi composta pelas seguintes perguntas:

1) Conte-nos sobre a sua formação e a sua aproximação à fotografia como objeto de estudo.

2) Ao compilarmos os usos da fotografia nos estudos de geografia constatamos o predomínio de um uso instrumental para documentar o mundo físico. Entretanto, existe uma diferença significativa entre esse tipo de abordagem e a ênfase que você concede às dimensões sociais e culturais na construção do visual. Será essa mudança resultado do impacto da teoria pós-colonial e nas humanidades? Como você avalia esse cenário na Geografia?

3) Algumas teses e dissertações que orientei na História têm aplicado recentemente seu conceito de imaginação geográfica aplicado à fotografia em suas pesquisas. Como você avalia a utilidade e a instrumentalidade desse conceito, nascido de recentes debates na geografia, por outros campos das ciências humanas?

4) Finalmente, como você avalia o impacto de sua abordagem nos estudos de fotografia? Os geógrafos circulam confortavelmente no campo da cultura visual? Você sente algum tipo de resistência entre geógrafos, antropólogos, historiadores de arte ou em estudos visuais?

Steve Edwards ingressou no Departamento de História da Arte em Birkbeck em 2016 como Professor de História e Teoria da Fotografia. Ele é co-diretor do Centro de Pesquisa em História e Teoria da Fotografia e membro do comitê diretivo do Birkbeck Institute for the Humanities. Sua trajetória se destaca por uma ampla gama de interesses de pesquisa, incluindo: história e teoria da fotografia; cultura industrial do século XIX; documentário; arte radical e estética na década de 1970; arte contemporânea; e arte e teoria social (particularmente teoria marxista). Ele publicou extensivamente e seus trabalhos foram traduzidos em dez idiomas. Ele recebeu doações e financiamento da: British Academy; O Leverulme Trust; O Instituto de Pesquisa Harry Ransom, no Texas; Rosa Luxemburg-Stiftung, Berlim; Helle Panke-Stiftung, Berlim e o Ministério da Cultura Português. Além das atividades acadêmicas, Steve Edwards desempenha um papel proeminente no apoio à infraestrutura da pesquisa coletiva. Atualmente é membro do coletivo editorial do Oxford Art Journal (<https://oaj.oxfordjournals.org>) e da internacionalmente reconhecida Série de Livros de Materialismo Histórico (Leiden and Chicago: <http://www.brill.com/publications/história-materialismo-livro-série>).

Em sua entrevista realizada em 7 de novembro de 2018, Birkbeck College, University of London, o roteiro enfatizou a relação entre fotografia e marxismo por meio das seguintes questões:

- 1) Conte-nos sobre sua trajetória acadêmica e como a fotografia se tornou uma questão para suas pesquisas.
- 2) Como você avalia a presença da fotografia na História da Arte em termos de tendências e diferentes abordagens?
- 3) Podemos perceber, lendo seus textos, que há uma “grande pergunta” que sublinha seu trabalho e tem a ver com a consideração das condições materiais e sociais de produzir fotografias. Em sua avaliação, o que esta questão implica para a análise de fotografias? Que tipos de erros essa perspectiva pode evitar?

4) O estudo das condições sociais de produção de fotografias é uma abordagem histórica alternativa à tradicional História da Fotografia? Você acha que já superamos a história da fotografia concebida como história dos dispositivos e estilos tecnológicos?

5) Um dos seus livros tem o nome “The Making of English Photography”, intimamente relacionado com outro famoso “Making” de Edward Palmer Thompson. Como você avalia a presença da abordagem marxista no estudo da cultura, principalmente da História da Arte, atualmente?

6) Finalmente, como você avalia o impacto de sua abordagem nos estudos de fotografia? Você sente algum tipo de resistência entre historiadores sociais, historiadores da arte ou estudos visuais?

Filipa Lowndes Vicente desde 2009 é Investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, na área de História. Doutorada pela Universidade de Londres em 2000 (Department of Historical and Cultural Studies, Goldsmiths College), pós-graduada em História da Arte Contemporânea no Goldsmiths College (1995), e licenciada em História/História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1994). A sua tese de doutoramento deu origem ao livro *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XIX* (Lisboa: Gótica, 2003) que obteve o “Prémio Victor de Sá de História Contemporânea” em 2004.

Entre 1994 e 2009 viveu em Inglaterra (Londres), EUA (Providence e New Haven), Itália (Florença), e novamente em Inglaterra onde no ano lectivo de 2008-2009, foi investigadora visitante no Departamento de Arte e Arqueologia da *School of Oriental and African Studies* (SOAS) da Universidade de Londres. Durante este período beneficiou quer do apoio da FCT, através de bolsas de doutoramento no estrangeiro e de pós-doutoramento, quer do apoio de uma bolsa da Fundação Oriente.

A sua investigação centra-se nos modos de produção do conhecimento nos séculos XIX e XX: a construção e os usos do passado; os cruzamentos entre a cultura visual, material e escrita e o colonialismo; a produção intelectual das elites indianas na Índia colonial Portuguesa e Britânica; o orientalismo indiano, italiano e português; as comparações e cruzamentos coloniais entre o império português e o império britânico; a história das colecções, exposições e museus em contexto colonial; a mobilidade e circulação de

pessoas, objectos, ideias e imagens; a história da fotografia; a história do conhecimento e da arte produzida por mulheres.

Nosso encontro se deu no dia 25 de outubro de 2018 na Universidade de Lisboa onde tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o seguinte roteiro:

- 1) Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e como a fotografia tornou-se tema para as suas pesquisas.
- 2) Em seus estudos observa-se uma forte presença da noção de espaço quer seja pela ideia de deslocamento - viagens - como pela dimensão política - contexto colonial. Qual o impacto dos estudos sobre geografia cultural, sobretudo a noção de imaginação geográfica, você identifica na sua reflexão?
- 3) Em uma linha complementar a essa, em suas pesquisas reconhece-se a centralidade no interesse em reconhecer nos modos de produção do conhecimento as formas de plasmar o passado em diferentes momentos. Em que medida os usos do passado em seu trabalho se relaciona ao tema da memória pública?
- 4) O estudo sobre colonialismos compõe um campo fértil de debates em um amplo marco historiográfico que reúne diferentes disciplinas das Ciências Humanas. Abordagens como pós-coloniais, transcoloniais e decoloniais são convocadas para darem conta de fenômenos complexos perpassados por vieses políticos significativos. Como você avalia e se posiciona nesse campo de debates que se configuraram na virada do século XX para o XXI?
- 5) Como a fotografia se destaca na elaboração de análises sobre as sociedades em contexto colonial? Por exemplo, no Império Português qual a dimensão que a experiência fotográfica assumiu?
- 6) Observa-se em seus trabalhos recentes a valorização do tema da mulher. Como você avalia esse rumo nas suas pesquisas?

2. Desdobramentos do trabalho e metodologia de análise

No momento em que esse texto está sendo escrito as entrevistas realizadas no Reino Unido já foram transcritas e estão em fase de conferência de fidelidade, faltando somente a transcrição da última entrevista realizada em Portugal.

Como indicado, anteriormente, o propósito dessa reflexão é indagar por quais caminhos chegamos a um território comum ao debate crítico sobre fotografia. Esse território que

pode ser identificado como uma historiografia da fotografia apresenta algumas marcações já podem ser reconhecidas: uma relação estreita entre visualidade e materialidade da imagem; o reconhecimento dos circuitos sociais da fotografia como princípio de organização das análises; o reconhecimento da fotografia como prática social e a identificação de que não existe uma única fotografia, mas práticas fotográficas.

No sentido de identificar os itinerários comuns, nos apoiaremos na noção de geração para compor o que estamos identificando como comunidade de sentido: experiências compartilhadas por meio de espaços de sociabilidade, referências conceituais e experiência docente.

Acredito que no momento de apresentação do trabalho os resultados da análise estarão mais bem consolidados.